

PLANTAS TÓXICAS PARA PEQUENOS ANIMAIS ENCONTRADAS NA COMUNIDADE CEVAL, PELOTAS-RS

**CLAUDIA GIORDANI¹; ROSEMA SANTIN²; MARYANE DIAS ARAUJO DA
SILVA³; DÉBORA DE CAMPOS AÑANA³; MARLETE BRUM CLEFF⁴**

¹Universidade Federal de Pelotas, Pós-graduação em Veterinária – claarte@hotmail.com

²Universidade do Rio Grande do Sul, Pós-graduação em Ciências Veterinárias

³Universidade Federal de Pelotas, Graduação em Medicina Veterinária

⁴Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Veterinária – emebrum@bol.com.br

1. INTRODUÇÃO

O conhecimento sobre as plantas e seu valor terapêutico tem acompanhado a evolução da espécie humana, sendo as mais antigas obras originadas na China e Egito (ODDY, 1993; ALBUQUERQUE; HANAZAKI, 2006). Os principais fatores que influenciam o uso de plantas medicinais são o baixo nível de vida da população e o alto custo dos medicamentos (NEWALL et al., 2002). Porém, com o uso das plantas ao longo dos anos, observou-se que algumas das substâncias presentes, são potencialmente perigosas (VEIGA JÚNIOR et al., 2005).

As plantas tóxicas possuem substâncias que alteram a fisiologia do organismo em vista de sua incompatibilidade vital, levando às reações biológicas diversas, sendo que o grau de toxicidade depende da dosagem, via de administração, tipo de agente tóxico, tempo de exposição e suscetibilidade do indivíduo (ALBUQUERQUE, 1980; SIMÕES et al., 2003).

No Brasil já existe descrição de 113 plantas tóxicas (RIET-CORREA et al., 2007), sendo destaque nas intoxicações em pequenos animais as plantas ornamentais (RIBOLDI, 2010). Cães e gatos podem ter acesso às plantas tóxicas em seu ambiente, como jardins ou no interior de residências, devido ao desconhecimento do caráter tóxico pelo proprietário (MILEWSKI; KHAN, 2006). Os casos de intoxicação normalmente ocorrem em animais jovens, devido a curiosidade e troca de dentição, tendendo a morder folhas, flores ou caule. Porém, estresse, troca de ambiente, mudança na rotina, além de privação de alimentos propiciam a busca pelas plantas como forma de distração e alimentação (GÓRNIK, 2008; NOGUEIRA; ANDRADE, 2011). Apesar de relatos de intoxicações por plantas estarem em ascensão, ainda são pouco frequentes, até pela dificuldade de diagnóstico de certeza em relação a intoxicação (TEIXEIRA et al., 2010).

Neste contexto, buscou-se realizar um levantamento das plantas com potencial tóxico encontradas nas proximidades das residências da comunidade CEVAL, Pelotas/RS.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Durante o período de julho de 2010 a junho de 2012, foram realizadas entrevistas, com os proprietários de pequenos animais atendidos no Ambulatório Veterinário, do Hospital de Clínicas Veterinárias da Universidade Federal de Pelotas localizado na comunidade CEVAL. Para o levantamento dos dados, utilizou-se um modelo de questionário, onde as pessoas respondiam questões como presença de plantas em casa, utilização em pessoas ou animais, reações adversas no caso de uso e sobre a origem do conhecimento de uso das plantas. As entrevistas foram

realizadas duas vezes por semana, no horário da manhã, nos turnos de atendimento no ambulatório veterinário, onde os proprietários foram questionados sobre plantas medicinais e tóxicas que mantinham em casa ou no pátio.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram realizadas 100 entrevistas, nas quais foi relatado o conhecimento de 46 plantas medicinais e seis plantas tóxicas encontradas na região do estudo. As plantas citadas como tóxicas pela comunidade foram aroeira brava (*Lithraea brasiliensis*), cinamomo (*Melia azedarach*), comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), copo-de-leite (*Zantendeschia aethiopica*), mamona (*Ricinus communis*) e samambaia (*Pteridium aquilinum*). Entretanto, nas visitas à comunidade percebeu-se a existência de outras 14 plantas tóxicas, distribuídas nos jardins e espaços públicos, sendo elas: antúrio (*Anthurium andraeanum*), azaléia (*Rhododendron* spp.), bico-de-papagaio (*Euphorbia pulcherrima*), cheflera (*Schefflera* spp.), coroa-de-cristo (*Euphorbia milii*), espada-de-São-Jorge (*Sansevieria trifasciata*), hera (*Hedera helix*), hortências (*Hydrangea macrophylla*), kalanchoe (*Kalanchoe* spp.), lantana (*Lantana* spp.), lírio-da-paz (*Spathiphyllum wallisii*), trevo-branco (*Trifolium repens*), trombeteira (*Datura suaveolens*) e unha-de-gato (*Ficus pumila*). Conforme cita RIBOLDI (2010), grande porcentagem destas 20 plantas são consideradas as principais envolvidas em acidentes tóxicos em cães e gatos.

Com os dados das entrevistas podemos perceber que cerca de 80% das pessoas tem pelo menos uma espécie de planta tóxica próximo ou em sua residência e, ainda 70% das plantas não foram citadas como tóxicas, confirmando o desconhecimento sobre o perigo destas plantas conforme já foi descrito por OLIVEIRA (2002).

Segundo GFELLER; MESSONNIER (2006) e NOGUEIRA; ANDRADE (2011), os principais sinais clínicos de intoxicações por estas plantas são: estomatite e glossite (antúrio, cheflera, comigo-ninguém-pode, lírio-da-paz, espada-de-São-Jorge); gastroenterite (hera, mamona), alterações cardíacas (trombeteira, azaléia), neurológicos (trombeteira, mamona), dermatite por contato (coroa-de-cristo, bico-de-papagaio, cambará, cheflera). Sendo que algumas destas plantas já foram envolvidas em diagnóstico toxicológico em cães e gatos atendidos no ambulatório veterinário do CEVAL, como por exemplo, cinamomo, comigo-ninguém-pode e lírio-da-paz. Em nossa análise, se confirma uma maior incidência de intoxicações com a planta comigo-ninguém-pode, concordando com os dados do Centro de Informações Toxicológicas do Rio Grande do Sul (CIT/RS, 2010).

Nos dados divulgados pelo CIT/RS (2010), observa-se que a distribuição dos atendimentos foi de 300 exposições com plantas em humanos, a maioria em crianças, e 85 em animais, assim faz-se necessário atividades socioeducativas com a finalidade de reduzir os casos de intoxicações.

4. CONCLUSÕES

De acordo com o trabalho, pode-se perceber que existem muitas plantas tóxicas em contato direto com animais de estimação na região do Ambulatório Veterinário Ceval. Isso é preocupante, pois ainda há desconhecimento sobre as plantas com caráter tóxico, vindo a ser um risco para os animais e as pessoas.

5. AGRADECIMENTOS

À FAPERGS, CAPES e CNPq.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J.M. **Plantas tóxicas no jardim e no campo**. Belém: FCAP, 1980.

ALBUQUERQUE, U.P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, v.16, p.678-689, 2006.

CIT/RS - NICOLELLA, A.; FERREIRA, E.M.; LESSA, C.A.S. **Relatório anual de atendimento – 2010**. Centro de Informações Toxicológicas do Rio Grande do Sul (CIT/RS). Acessado em 30 ago. 2012. Disponível em: http://www.cit.rs.gov.br/images/stories/rel_2010.pdf

GFELLER, R.W.; MESSONNIER, S.P. **Manual de toxicologia e envenenamentos em pequenos animais**. São Paulo: Roca, 2006.

GÓRNIAC, S.L. Plantas tóxicas ornamentais. In: SPINOSA, H.S.; GÓRNIAC, S.L.; PALERMO-NETO, J. **Toxicologia aplicada a medicina veterinária**. São Paulo: Manole, 2008. p.459-474.

MILEWSKI, L.M.; KHAN, S.A. An overview of potentially life-threatening poisonous plants in dogs and cats. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, v.16, n.1, p.25-33, 2006.

NEWALL, C.A.; ANDERSON, L.A.; PHILLIPSON, J.D. **Plantas medicinais: Guia profissional de saúde**. São Paulo: Premier, 2002.

NOGUEIRA, R.M.B.; ANDRADE, S.F. **Manual de toxicologia veterinária**. São Paulo: Roca, 2011.

ODY, P. **The complete medicinal herbal**. New York: Dorling Kindersley, 1993.

OLIVEIRA, R.B. **Plantas tóxicas em Ribeirão Preto: conhecer para prevenir acidentes**. 2002. 148f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) – Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto, Departamento de Biologia, Universidade de São Paulo.

RIBOLDI, E.O. **Intoxicações em pequenos animais: uma revisão**. 2010. 118f. Monografia (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RIET-CORREA, F.; MEDEIROS, R.M.T.; TOKARNIA, C.H.; DÖBEREINER, J. 2007. Toxic plants for livestock in Brazil: economic impact, toxic species, control measures and public health implications, p 2-14. In: PANTER, K.E.; WIERENGA, T.L.;

PFISTER, J.A. (Eds). **Poisonous Plants: global research and solutions**. Wallingford: CAB International, 2007. p.2-14.

SIMÕES, C.M.; SCHENKEL, E.P.; GOSMANN, G.; MELLO, J.C.P.; MENTZ, L.A.; PETRVICK, P.R. **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. Porto Alegre/Florianópolis: UFRGS/UFSC, 2003.

TEIXEIRA, L.B.C.; TOSTES, R.A.; ANDRADE, S.F.; SAKATE, M.; LAURENTI, R.F. Intoxicação experimental por *Kalanchoe blossfeldiana* (Crassulaceae) em cães. **Ciência Animal Brasileira**, v.11, n.4, p.955-961, 2010.

VEIGA JÚNIOR, V.F.; PINTO, A.C.; MACIEL, M.A.M. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova**, v.28, n.3, p.519-528, 2005.